

## **ENTREVISTA PARA A BIENAL DE VENEZA: PAVILHÃO DO BRASIL**

**29/03/2018**

**“Como o seu deslocamento pessoal permitiu uma outra compreensão de Brasil e como esta experiência definiu uma nova posição relativa à pesquisa e à prática da arquitetura?”**

**Claudio Acioly Jr<sup>1</sup>**

Minha vida fora do Brasil desde 1987 e meus deslocamentos pelo mundo tem sido transformadores no que diz respeito a consciencia de minha identidade e dos processos sociais, politicos e economicos do Brasil durante esses anos. Sempre retornando a trabalho ou para visitas e ferias com a familia, pude manter vinculos e acompanhar atentamente as mudançãs que foram ocorrendo no Brasil.

Gostaria de fazer uma breve retrospectiva. Foi aos 17 anos quando pela primeira vez me ausentei do Brasil por um periodo de 1 ano, e como bolsista do AFS-American Fields Service fui viver no estado do Novo Mexico, Estados Unidos. Foi este o primeiro momento que me conscientizei não só das diferenças culturais mas também dos valores e hábitos que marcavam a minha identidade brasileira. Sem ter tido ainda a oportunidade de ler e conhecer o trabalho de Darci Ribeiro e outros cientistas sociais que brilhantemente desmiuçaram a etnia brasileira, percebi que realmente possuía uma identidade própria, brasileira, uma forma de olhar o mundo e de me relacionar com as pessoas ao meu redor e com os processos sociais e politicos.

Porque me refiro a essa experiencia ocorrida há tantos anos atrás? Porque foi transformadora. Foi como se estivesse em um voo solitario de plainador observando nosso pais a partir das alturas. Foi a primeira vez que, ainda como um jovem em formação, realizava uma reflexão sobre o Brasil. Observei à distancia as idiosincrasias da sociedade brasileira, a forma de viver com um certo desleixo para a organização, de habitar e relacionar-se com o seu espaço residencial sem uma igualdade de genero estabelecida, e a forma de se apropriar da rua e do espaço público onde o limite do espaço individual nem sempre esta marcado sensorialmente pelas atitudes e apropriação do espaço coletivo, e onde o espaço para o exercicio da cidadania, dos direitos e deveres não estava sacramentado, num mundo com desigualdades e censura ao exercicio da liberdade de expressão. Eram os anos 70 e o Brasil passava por um endurecimento do regime autoritário que eu acompanhava pelos jornais. E no meu caso, a experiencia de ter vivido numa cidade como Brasilia, ao me mudar do Rio de Janeiro acompanhando meus pais, detonou um processo acelerado de transformação reflexiva. As diferenças entre esses dois mundos, o candango e o carioca, me levaram a constatar e desenvolver um senso sobre a forma urbana, um interesse pelo poder da arquitetura e do urbanismo na formação do espaço social e político, da capacidade de agregar ou desagregar as relações sociais. Meus estudos na Escola de Artes Visuais do Parque Laje sob a orientação do Rubens Gerchman e aquela geração que incluía a Lina Bo Bardi, Dionisio dos Santos, Roberto Magalhães, Marcos Flachman e tantos outros impactaram minha formação e Brasilia tornou-se um divisor de aguas radical em meu processo civilizatório. Ao retornar dos Estados Unidos, fui em busca da manifestação artística e da arte urbana, encontrando uma sintese na arquitetura e urbanismo, e me formando anos depois na UnB. Lá fiz parte de um grupo de estudantes e depois profissionais que pesquisava e analisava criticamente os modelos de cidades do movimento modernista e a forma de fazer arquitetura, e se engajava nos processos sociais e politicos da cidade em plena ebulição. Traziamos a universidade para a cidade e a cidade para a universidade. Promovemos debates e organizamos grupos de estudos para ler e compreender as vicissitudes dos grandes mestres e expoentes da arquitetura moderna e questionavamos o poder deterministico do urbanismo das formas de relações sociais no espaço da urbis. O espaço informalmente construído ganhava corpo em minha formação.

---

<sup>1</sup> Arquiteto e urbanista, ONU-Habitat. Chefe de Política Habitacional e Coordenador do Programa das Nações Unidas para o Direito a Habitação Adequada (2008-2012) e Chefe de Capacitação e Desenvolvimento Profissional (2012-atual)

Como arquiteto e urbanista que se especializou, desde o período de estudante na universidade, no tema da habitação popular, urbanização informal, desenho urbano e urbanização de favelas, fui impulsionado a trabalhar com a desigualdade na cidade, a utilizar meus conhecimentos em prol daqueles excluídos das políticas públicas e fomentar o acesso a uma habitação digna, à arquitetura de qualidade, a um espaço residencial onde pudessem viver com dignidade e cidadania plena. Me dediquei a uma causa. Esse trabalho pioneiro com as invasões, acampamentos originados da construção de Brasília me levaram a Holanda e depois para a Guiné-Bissau, onde dei início a uma carreira internacional que me levou a mais de 30 países. Durante todos esses anos residi durante um bom tempo na Holanda onde me radiquei e criei raízes, Guiné-Bissau, Egito, Quênia e Arábia Saudita, e trabalhando com certa frequência e continuidade em alguns países como Bulgária, Moldóvia, Cuba, Bolívia, Filipinas e em algumas prefeituras no Brasil (como consultor internacional). Minha identidade e base cultural foi fundamental para interagir com a diversidade de contextos sociais, políticos e econômicos e melhor compreender os processos sociais, tangíveis e intangíveis, e me relacionar com pessoas e instituições de uma forma diferenciada comparada com outros colegas consultores e estrangeiros advindos de uma cultura menos 'misturada' e menos dinâmica que a nossa. Os fundamentos construídos através da minha interação com a população excluída nas cidades brasileiras tornaram-se uma vantagem comparativa em minha atividade profissional nestes países, ajudando-me a contextualizar e aprofundar na busca de soluções adequadas, numa troca e aprendizado humano e profissional constante. Logicamente que parâmetros, sensibilidade, maturidade e um pouco de instinto social e político que construí e aprendi ao curso de minha vida me ajudaram enormemente nessa inserção e colaboração para o desenvolvimento local dos lugares onde fui viver e trabalhar.

Esses meus deslocamentos pelo mundo me permitiram fazer uma reflexão constante sobre o Brasil, possibilitando-me a construção de uma visão com dicotomias, onde por um lado existia a arquitetura sofisticada, elitista, sendo praticada e um (re) posicionamento do projeto urbano dentro de muitos municípios, guiando uma nova forma de fazer cidades e gestão urbana. Se por um lado observava uma produção exuberante de edifícios com a assinatura de expoentes da arquitetura brasileira, e campanhas a favor do concurso público, por outro lado era marcante a produção de cidades, de espaços construídos e residências populares a uma escala e velocidade jamais vistas. As cidades e a arquitetura sendo produzidas totalmente fora da oficialidade. O modelo informal se consolidando.

Na arquitetura e urbanismo existia claramente dois mundos do fazer. Um fazer dentro dos códigos e normas e produzidos com uma ambição de referência, seguindo a trajetória dos currículos das escolas de arquitetura e urbanismo, e um outro mundo, majoritário, onde se fazia a arquitetura e urbanismo através da ocupação informal do solo urbano, totalmente fora dos códigos e seguindo uma lógica de apropriação e consolidação, e conquista do espaço, indo contra a tendência da estratificação e segregação espacial. As cidades perdendo literalmente terreno na luta pelo controle da gestão sobre seu território e definição de seu futuro urbano construído. O Brasil construindo suas cidades e se urbanizando sem a interferência do papel do profissional da arquitetura e urbanismo. Enquanto a realidade se transformava sem o papel do profissional da arquitetura e urbanismo, as escolas de arquitetura e urbanismo pouco faziam, com raras exceções, para inserir na formação do novo profissional uma melhor compreensão desses processos de urbanização informal e produção da casa e da cidade fora das normas estabelecidas. Pesquisas que pudessem informar e questionar sobre o modelo predominante, as formas de mobilização dos recursos e insumos da arquitetura autoconstruída e com todas as vicissitudes e muitos problemas, para que modelos de intervenção e políticas públicas pudessem ser formulados, trazendo para si a lógica popular de ocupar, construir, conquistar infraestrutura básica, planejar e consolidar. Uma lógica totalmente distinta do modelo racional onde se planeja, se implantam as infraestruturas, se constroem e se ocupam, ensinado e repetido nas escolas de arquitetura. E eis que o Brasil adota uma lei super inovadora que regulamenta o direito do pobre à arquitetura de qualidade através de assistência técnica gratuita oferecida pelo Estado. A lei 11.888 que assegurou a assistência técnica pública gratuita, com um claro esforço de sacramentar a função social do profissional da arquitetura e urbanismo.

Vivendo e trabalhando em realidades tão distintas da nossa, não houve como não ampliar minha visão e compreensão de Brasil, como país emergente, tentando acelerar mudanças, mas tendo dois mundos coexistindo. Um formal, das instituições e mais tradicional e com menos riscos, e um outro informal,

dinamico, adaptativo e cheio de riscos e incertezas. A 'mirada' pela cidade, a arquitetura e urbanismo, refletia-se claramente nos processos transformadores e vice-versa.

Indo mais alem da arquitetura e do urbanismo, certa vez, vendo um documentario sobre rivalidades no futebol num voo da KLM, mostrando a rivalidade Brasil e Argentina, ouvi com muita atenção um depoimento do saudoso Sócrates onde ele explicava as diferenças entre as duas culturas de futebol e detalhes comportamentais no campo e na maneira de jogar e se relacionar com a bola. Ele dizia que para cima, ao norte de São Paulo, tudo era muito Africa mesclado com um monte de outras coisas, culturas e etnias, uma mistura de alegria e festa, meio bagunçado e com espaço para livre manifestação espontanea do individuo dentro de uma ordem não tão estrita, enquanto que a medida que voce vai cada vez mais para o sul, a organização e estrutura advinda da migração européia começa a prevalecer. Ele dizia que do lado argentino, no campo, os jogadores se sentiam mais europeu do que os europeus, e se armavam e organizavam-se para levar ao extremo a decisão de ganhar a qualquer custo, entrando nas divididas como se fosse uma questao de vida ou morte, enquanto que o lado brasileiro estava mais orientado a jogar e se divertir jogando, para ganhar obviamente, uma coisa mais leve e musical, com um espirito mais leve em contraposição ao adversário. Não quer dizer que não eram competitivos mas simplesmente uma maneira diferente de ver, viver e jogar o futebol. Ele dizia que toda vez que jogavam contra a Argentina, era como se estivessem disputando uma final de copa do mundo.

Para mim, isso ficou muito claro quando fui residir na Holanda. Indo me adaptando a uma vida super organizada, onde as macro-estruturas funcionam de forma transparente, onde o tempo é marcado e respeitado tanto pelos individuos como pelas instituições e serviços públicos, onde os compromissos são praticamente infalíveis, e onde os direitos do cidadão estão tão sacramentados tanto quanto as obrigações e deveres que passam a ser cumpridas sem questionamentos. O direito de exigir e ser exigido. Um extremo comparado a nossa realidade em processo de desenvolvimento e transição para um estado democratico de direito em sua plenitude. Percebi que ao incorporar muitos desses valores, praticas e elementos culturais da Holanda, trazia comigo um anseio de maximizar a utilização de meu tempo e energia para processos de transformação fora e dentro do Brasil, incluindo-me como ente em processo de auto-transformação e auto-aprendizado, com um anseio muito grande de tornar-me um melhor e mais consciente cidadão global, um ser humano consciente de seu papel transcendental do ponto de vista do desenvolvimento e consciencia politica.